

Educação em Museus e Identidade Cultural – A experiência do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre

Isaltina Santos Ferreira da Costa¹

Introdução

O Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre, Tupã, São Paulo, é uma Instituição da Secretaria de Estado da Cultura, administrada por meio de parceria com a ACAM Portinari. Foi constituído, desde a sua criação em 1966, como um museu indígena e histórico local. O acervo de aproximadamente 38 mil objetos museológicos reúne peças da história da cidade – objetos que representam a trajetória de formação e desenvolvimento – e coleções etnográficas dos mais diversos povos indígenas no país – artefatos e objetos de diferentes origens indígenas, com destaque para os Kaingang, povo que ainda hoje habita a região oeste do estado de São Paulo, assim como os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O Museu Índia Vanuíre mantém ações museológicas desde 1967. Em 1980 recebeu em doação um edifício próprio na única quadra tombada pelo CONDEPHAAT no interior de São Paulo, por abrigar a residência de um dos fundadores da cidade (e também fundador do Museu), Luiz de Souza Leão. Em 2010 o Museu Índia Vanuíre passou por modificações levadas a cabo por uma reforma predial que atendesse às novas demandas do plano de requalificação museológica e do Plano Museológico coordenados pela ACAM Portinari.

Em 2010 é aberta a terceira exposição de longa duração do Museu em seus anos de existência. Denominada como Tupã Plural, esta se apresenta como fator de integração das equipes do Museu que se articularam e se articulam para que a exposição tivesse e tenha uma representatividade constante. Essa exposição tem como objetivo destacar a vocação intercultural do município, na qual o convívio e as trocas marcaram a identidade e a memória da cidade e de seus moradores. A exposição está estruturada em cinco módulos temáticos. O primeiro módulo, “Creio em Tupan” foi concebido a partir da frase do fundador da cidade, Luiz de Souza Leão, - “Creio em Tupan”. Nesse módulo procurou-se destacar a cidade como próspera, fundada pela iniciativa de empreendedores que buscaram o oeste de São Paulo para a expansão da cafeicultura. Por meio de uma maquete multimídia, são apresentados aspectos culturais e do desenvolvimento da cidade. A sincronia entre a locução e as imagens fotográficas projetadas instiga o visitante a pensar sobre a transformação de Tupã e, ao mesmo tempo, o recurso possibilita uma homenagem aos fotógrafos que documentaram a trajetória do município. Também há destaque a participação dos moradores na Revolução Constitucionalista de 1932 e homenageia os imigrantes que atuaram na construção da cidade. Em exposição, há peças das colônias leta, espanhola, italiana, portuguesa, russa, alemã, árabe e japonesa.

¹Representando o Núcleo de Educação do Museu Índia Vanuíre composto por: Gessiara da Silva Goes Andrade, Isaltina Santos Ferreira da Costa, Lamara David Ruiz Estevam, Lilian Budaibes Zorato, Uiara Potira Ribeiro Daneluti, Valquíria Cristina Martins.

O segundo módulo – Aldeia Indígena Vanuíre – destaca a presença indígena na região, seja no passado ou no presente. Apresenta informações históricas sobre os Kaingang na região e a formação do Posto Indígena Pirã, posteriormente nomeado Terra Indígena (TI) Vanuíre, valorizando a resistência cultural desse povo durante a colonização. O “resgate cultural” é tratado como resposta contemporânea dos moradores da TI Vanuíre, Kaingang e Krenak, às cobranças externas e internas sobre a condição indígena desses grupos que o impacto da colonização na cultura e organização social. Há dois elementos colocados como integradores: a escola e o clube de futebol. O museu retrata também a luta dos Kaingang no tempo e no espaço. Pelo uso de mapas apresenta-se o passado a relação desse povo com o território que hoje se denomina Alta Paulista. O módulo oferece especial atenção à cultura material, com artefatos do acervo, como a cerâmica e o têxtil. A exposição homenageia uma ceramista de Vanuíre, a Candire, como símbolo das tradições. Por outro lado, é destacada a luta dos Krenak, a retomada de sua história em Minas Gerais, a diáspora, a homologação de suas terras em Resplendor (MG) e a luta pelos seus direitos simbólicos por meio da reivindicação de áreas do Parque Sete Salões, Minas Gerais. A exposição mostra que os Krenak da Aldeia Vanuíre são os mesmos Borun do Watu ou os Krenak do Rio Doce. Apesar da distância, eles mantêm um forte vínculo identitário com o território do médio Rio Doce em Resplendor. O artesanato contemporâneo realizado pelos dois grupos indígenas também compõe o acervo exposto, e dois vídeos foram preparados para que os grupos tenham espaço para falar de si sobre o “fortalecimento cultural” pelo qual lutam.

O terceiro módulo – Índios no Brasil – apresenta um acervo de brinquedos indígenas Museu e ilustrações de José Lanzellotti, adquiridas pelo Conselho Estadual de Cultura em 1972. Elas compreendem parte da diversidade dos grupos indígenas no Brasil e integram os volumes “Brasil, Histórias, Costumes e Lendas”, publicação dos anos de 1970.

O quarto módulo – Representação Plumária– explicita a riqueza da coleção de plumária indígena do Museu, com artefatos de estilos estéticos de 14 povos indígenas: Guajajara, Kaapor (Urubu), Karajá, Kayapó, Kayapó-Metyktre, Meinaku, Suyá, Tapirapé, Wajãpi, Waurá, Xavante, Yanomámi; provavelmente Mundurucu e Asurini do Tocantins.

No último módulo expositivo – Representação Tecida e Cesteira–, o público tem acesso à riqueza das cestarias e têxteis do Museu. A cestaria está organizada por conjuntos, de acordo com o uso e classificações etnográficas – cozinha, meios de transporte e artefatos de uso ritual e pessoal (máscaras xinguanas, adornos corporais, utensílios de uso pessoal e instrumentos musicais). Esse módulo compreende 21 povos indígenas, dentre este: Alto Xingu, Asuriní, Bakairí, Baniwa, Bororo, Canela, Etnia do Alto Rio Negro, Etnia do Alto Xingu, Guajajara, Kaingang, Kamayurá, Karajá, Karib, Kayapó-Metyktire, Sateré-Mawé, Waurá, Xavante, Yanomámi, Yawalapiti. Os tecidos estão agrupados etnograficamente por conforto pessoal, vestuário e adorno, além dos meios de transporte, com a presença dos povos Baniwa, Chiquitano, Guajajara, Kaingang, Karajá, Karib e Tukano.

Os dois últimos módulos da exposição são auxiliados por um recurso multimídia, cuja projeção contínua favorece a percepção dos detalhes dos artefatos plumários, de cestarias e têxteis.

A exposição de longa duração Tupã Plural é uma das bases conceituais para o Núcleo de Educação do Museu Índia Vanuíre criado em 2010, pois apresenta conceitos fundamentais para a educação: interculturalidade, diversidade e diferença cultural, identidade, alteridade, memória social, tolerância, território, patrimônio cultural e desenvolvimento, direitos humanos dentre outros. Esses conceitos estão na exposição porque estão no acervo apreendido para a formalização do Plano Museológico e estudado para a concepção da exposição de longa duração, como compromisso com a qualidade do conhecimento gerado pelo Museu. Nesse sentido, o Núcleo de Educação em articulação interdisciplinar com os demais setores do Museu Índia Vanuíre desenvolve as seguintes ações voltadas para os mais distintos públicos:

- Participação em projetos de exposição – Integração da equipe do Núcleo de Educação ao processo de concepção e montagem de exposições temporárias e itinerantes.
- Ações educativas em exposições temporárias – A cada nova exposição temporária ou itinerante, há a elaboração de um projeto de educação específico.
- Oficina de Final de Semana – Atividade oferecida semanalmente para famílias, articulando temas da(s) exposição(ões).
- Oficina de Férias – Atividades lúdicas voltadas para o público infantil nos meses de férias.
- Índio no Museu – Com a atividade, a instituição promove um bate-papo entre os visitantes e um indígena convidado.
- Em Cartaz no Museu – Sessões de vídeos sobre a contribuição e influência de diversos grupos para a construção da sociedade brasileira.
- Curso Difusão Cultural – Museu e Educação, para professores da rede pública de ensino, visando ao estreitamento da relação museu e escola.
- Museu Folia – Reconhecer o carnaval do município de Tupã, sua origem e características como uma manifestação cultural brasileira.
- Memórias das Escolas de Tupã – Ação para desenvolver o conceito de memória social entre estudantes dos ensinos fundamental e médio.
- Micro Histórias e História Oral – Atividade que se desenvolve entre jovens e mais velhos, buscando a re colocação do papel do idoso na sociedade, além de desenvolver ações de construção de história.
- Semana de Museus – Acontece no mês de maio e é promovida pelo Ibram (Instituto Brasileiro de Museus). Uma programação é destinada a comemorar o Dia Internacional de Museus (18/5).
- Primavera de Museus – Com a chegada da primavera, os museus aderem à programação do Ibram (Instituto Brasileiro de Museus), com o objetivo de sensibilização para o debate sobre temas da atualidade, estimular a visita aos museus e incentivar a aproximação entre sociedade e museus.

As demais ações de educação do Núcleo serão apresentadas e comentadas a seguir, de modo a melhor explicitar como o conceito de identidade é constitutivo do pensamento do Museu Índia Vanuíre e das ações de educação realizadas.

Educação em Museus – Alguns pontos referenciais para o Museu Índia Vanuíre

Quando nos referimos à Educação em Museus, esta pode ser considerada como a ação que se dá pela cultura material musealizada, ou seja, por meio dos objetos. O nosso desafio como educador é saber enfrentar tal objeto museológico, já que o mesmo procede a conceitos e ideias.

Devemos reconhecer e valorizar o potencial educativo dos museus, a partir do seu acervo, exposições e áreas de conhecimento com os quais se articulam para comunicar, pois a partir desse reconhecimento, o educador de museus pode compreender tal potencial e traçar objetivos educacionais a fim de difundir o acervo da Instituição. O educador de museus é um comunicador, por isso enfatizamos a sua importância, já que o mesmo articula a cultura material ao cotidiano do seu público, fazendo com que tais processos educacionais tenham sentido e valor para os mais diversos tipos de visitantes.

O museu deve sempre considerar as diferenças de perspectivas e circunstâncias e as parcialidades próprias das contextualidades, de um lado. De outro, deve entender e difundir a ideia de que faz interpretações da mesma forma que os diferentes públicos que visitam (ou não) a instituição. (Cury, 2012, p. 51).

Um dos objetivos do museu é facilitar o acesso à cultura material musealizada, favorecendo por meio de ações educacionais a prática da cidadania, a socialização, enfim, alguns aspectos no qual o Núcleo de Educação do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre tem contribuição importante.

Uma das principais preocupações do Núcleo de Educação está relacionada a diferentes formas de comunicação do seu acervo e coleções para o público. Para isso, desenvolve ações que provocam a curiosidade, reflexão e interatividade, tendo como produto final a construção do conhecimento, que ocorre de maneira dinâmica, comprometida, responsável e em consonância ao Plano Museológico do Museu.

A instituição museológica necessita ter como intenção a busca pela comunicação com seu público, aguçando a imaginação do mesmo, fazendo com que esse visitante reflita, pense e questione. É necessário que haja espaço entre o educador e o visitante para uma troca, para

que a visita possa se tornar dialógica, com a interação entre os agentes. Consideramos que a partir dessa interação, ocorre a provocação da consciência e do respeito e nessa convivência com a diversidade, também exercitamos a tolerância, ou seja, a capacidade de entender os motivos, o ponto de vista do outro. A tolerância sempre é algo a conquistar e como estamos sempre com o diferente cultural, temos sempre que estar exercitando nossa capacidade de entender o ponto de vista do outro. *“A tolerância é a flexibilidade para tentar entender os motivos do outro, ou, ao menos, respeitar a diversidade cultural” (Cury, 2003, p. 55).*

O Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre faz o encontro dos diferentes, promovendo a identidade. Para a construção da identidade precisamos do igual para termos a identificação, o sentimento de pertencimento a um grupo e do reconhecimento de aspectos culturais comuns. Quando estamos com o diferente cultural, o outro, vivemos uma situação de alteridade, de estranhamento e de entendimento de quem somos culturalmente na relação com o diferente: somos diferentes na relação com alguns, ou seja, nós somos de determinada forma e essa forma se aproxima de outros.

Na instituição museológica é importante a questão da identidade e da alteridade. Com a identidade definimos determinadas características, gostos, preferências, escolhas etc. pela semelhança. A alteridade é importante para construir a identidade e para constituir um trabalho intercultural, onde os diferentes interagem entre si estabelecendo uma relação complexa identidade/alteridade. O museu é o lugar da interculturalidade e no Museu Índia Vanuíre interculturalidade acontece.

O centro oeste do estado de São Paulo é o lugar da interculturalidade, o Brasil se formou a partir de uma relação intercultural e o oeste de São Paulo também. A interculturalidade em Tupã é muito forte, porque os imigrantes e indígenas interatuam no espaço urbano, ação intensificada pelo Museu.

Com o auxílio do patrimônio cultural, o museu desempenha o papel de mediador, articulando público, patrimônio e espaço, na busca pela construção, ressignificação e apropriação das identidades que auxiliam no processo de conscientização social. (Figurelli, 2011. p.11)

Quando nos referimos à identidade estamos, de fato, entendendo no plural – identidades –, pois são várias e diversas e vão além da concepção de algo estático, parado ou fechado. Identidade tem a ver com fragmentações, multiplicidade, escolhas e com o circular, ir em busca daquilo com que se identifica. Cada um de nós, nesse sentido, tem muitas identidades ou somos um a partir de distintas escolhas pessoais que fazemos.

Se fazemos escolhas para compartilhar uma ideia ou ideal com semelhantes, devemos, também, respeito à diversidade e ao diferente, pois precisamos do diferente, já que é ele que nos provoca a pensar algo que nós não pensaríamos se estivéssemos com o semelhante.

É nesse contexto de conceitos que o museu se faz crítico, da mesma forma que o projeto educacional e o educador, para que a ação educacional museal seja considerada eficaz.

As ações educativas são consideradas importantes, pois adotam procedimentos que ajudam a promover o museu, tendo o acervo como centro de suas ações, de suas atividades, pelo enfrentamento do objeto museológico. Tais ações devem ser desafiadoras, problematizadoras e instigantes, buscando um diálogo como estratégia de aprendizagem. Assim, os educadores de museus são profissionais importantes no elo entre o museu e seus mais variados públicos, proporcionando respeito e valorização pelo patrimônio cultural e estímulo ao exercício da cidadania pela tolerância, interculturalidade, a identidade e alteridade.

Educação em Museus e Identidade Cultural – As contribuições do Museu Índia Vanuíre

Os museus são instituições com função educacional, o que significa que devemos atuar educacionalmente nas mais diversas relações internas e externas. Dessa forma, as construções identitárias estão presentes na rotina do Museu e do Núcleo de Educação.

Em relação à exposição de longa duração Tupã Plural, o Museu atuou educacional e politicamente ao assumir um compromisso com os indígenas locais. Assim, desde o início do processo expográfico o Museu contou com a participação ativa dos indígenas Kaingang e Krenak. Chamados a participar, cada qual decidiu como seria representado dentro do espaço, produzindo artefatos e colaborando com a produção de vídeos que contêm depoimentos da luta, trajetória e do processo de fortalecimento das culturas Kaingang e Krenak da TI Vanuíre. Se a exposição revela uma identidade para eles mesmos se afirmarem no reconhecimento, revela, também, uma identidade na relação com os não indígenas, os diferentes culturais.

O Museu desenvolve, no entanto, ações permanentemente com os povos indígenas da região, como um compromisso com eles, mas porque necessitamos nos educar patrimonialmente. Precisamos dos diferentes da mesma forma que precisamos dos semelhantes. Assim, criamos situações para que os indígenas trabalhem construções identitárias entre si, mas que compartilhem com outros, com os profissionais de museus inclusive e principalmente, suas culturas. Dessa forma, entendendo cada ação como provocações para processos de identidade e alteridade, para a diversidade, a diferença e a tolerância, o Museu Índia Vanuíre coordena ou participa ativamente de ações com os indígenas, algumas das quais apresentamos a seguir.

A Semana do Índio de Tupã é evento relacionado ao Dia do Índio, 19 de abril. A programação compõe atividades oferecidas tais como oficinas de artesanato, palestras e debates, exposições, roda de conversa, apresentação de música e dança, feira de artesanato e de culinária indígena. A Semana Tupã em Comemoração ao Dia Internacional dos Povos indígenas tem a finalidade de rememorar o dia 9 de agosto para ampliar as reflexões sobre os temas indígenas e aproximar essas culturas da população da cidade e da região. Participam da organização de ambas as Semanas os Kaingang, Krenak e Terena, habitantes das terras indígenas (TI) Vanuíre e Icatu, além de índios de outras parte que queiram participar.

O programa Museu e Escola Indígena promove ações com a Escola Estadual Indígena Índia Vanuíre, TI Vanuíre, e a Escola Estadual Indígena Índia Maria Rosa, da TI Icatu. As ações são definidas, seguindo objetivos traçados conjuntamente, de forma a atender as expectativas mútuas. Trata-se de um programa que favorece a troca. O museu dá suporte àquelas ações escolhidas pelas Escolas Indígenas e estar com os indígenas fortalece as ações educativas e comunicacionais do Museu. O programa Museu e Escola Indígena consiste em uma parceria entre o Núcleo de Educação do Museu, profissionais do MAE/USP e professores indígenas, que através de encontros continuados articulam ações que tem como objetivo fortalecer narrativas indígenas no espaço do Museu, além de promover a aproximação entre os profissionais do Museu e a comunidade indígena. O protagonismo dos indígenas no espaço do Museu ou espaço criado por ele é algo importante para a construção identitária. Por acreditar no empoderamento dos grupos e na sua capacidade de contar suas próprias histórias é que o Museu Índia Vanuíre tem nos indígenas uma prioridade.

Considerando outros públicos do Museu, há outros programas que destacamos dentro da temática da identidade. O Aguçando as Memórias é um deles. Trata-se de ação voltada ao público da 3ª idade. Nós o consideramos no prisma da identidade porque o mesmo busca uma reflexão sobre a identidade nessa faixa etária, a partir das vivências do grupo. E consideramos alteridade, porque os participantes não são todos iguais e estão todos juntos compartilhando suas memórias.

Podemos afirmar que a educação que se faz em um museu é boa, quando os educadores aprendem tanto quanto o público alvo envolvido. É o caso do programa Museu e Cidadania. Este programa é desenvolvido com o público especial, especificamente internos da Clínica Dom Bosco. Trata-se de pessoas com diferentes problemas intelectuais e psicológicos. Para nós este é um dos principais programas, pois nos permite refletir sobre o que é “ser normal” e sobre os estigmas segregadores criados na nossa sociedade. É considerado identidade, pois desenvolvemos ações que os levem a sentirem-se pertencentes social e culturalmente. Além de seu caráter educacional, este programa favorece a experimentação metodológica, pois exercitamos a criatividade e a dimensão lúdicas da ação educacional no Museu.

Por meio do programa de Acessibilidade, igualmente, trabalhamos o pertencimento entre os públicos com diversas necessidades especiais, como de visão, audição e intelectual. A inclusão sociocultural de pessoas com deficiência é uma preocupação do Museu Índia Vanuïre desde sua reinauguração. Em 2011 implantamos o projeto elaborado por Amanda Pinto da Fonseca Tojal. A proposta inclui uma maquete tátil com representação tridimensional dos espaços do museu, aplicativos multissensoriais acessíveis (Libras, legendas áudio-descrição) ao público com deficiências auditiva e visual, entre outras estratégias.

No que se refere ao público escolar – o maior quantitativo – o desafio maior consiste na desconstrução da imagem que se constrói do índio pela sociedade brasileira desde 1500. Nesse sentido, queremos que os estudantes redescubram o índio no museu, ao mesmo tempo em que se entenda nessa relação e na relação com seus semelhantes culturais. Nesse sentido, a exposição de longa duração Tupã Plural é estratégia básica. Por meio de cada um de seus módulos temáticos podemos explorar os diversos conceitos inerentes ao Museu: diversidade e diferença, identidade e alteridade, memórias, direito à história, tolerância, cidadania enfim, naquilo que um Museu e a educação museal podem contribuir.

E finalizamos este artigo com o programa mais recente – Mês da Consciência Negra de Tupã – criado para rememorar que o negro faz parte do Brasil e da sociedade brasileira. Dessa forma, não somos diferentes, somos semelhantes e que, no ambiente do Museu, a identidade sirva para refletirmos sobre igualdade social e direitos humanos.

Referências

CURY, Marília Xavier; VASCONCELLOS, Camilo de Mello; ORTIZ, Joana Montero (Coords.). **Questões indígenas e museu**: debates e possibilidades. Brodowski: ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura (SEC), 2012. (Coleção Museu Aberto).

CURY, Marília Xavier. Museologia, comunicação museológica e narrativa indígena: a experiência do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre. **Museologia & Interdisciplinaridade**, n.1, p.49-76, 2012. Disponível em: seer.bce.unb.br/index.php/museologia/article/view/6842/5514.

CURY, Marília Xavier. **Diversidade e tolerância cultural**: Qual é o papel dos museus contemporâneos? In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY – AN INSTRUMENT FOR UNITY AND DIVERSITY? ISS: ICOFOM STUDY SERIES, Stavanger, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM. n. 33, final version, p. 54-56, set. 2003.

FIGURELLI, Gabriela Ramos. Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano. **Museologia e Patrimônio**. Rio de Janeiro: Unirio: MAST, v. 4, n. 2, 2011. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/208/169>.

GALLOIS. Dominique Tilkin (Org.). **Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas**: exemplos no Amapá e norte do Paraná. São Paulo: Iepê, 2011.